

"A CONSTRUÇÃO DE VALORES COMUNITÁRIOS, AFETIVOS E LINGÜÍSTICOS NA REDE: RUMOS DE UMA (CON)VIVÊNCIA VIRTUAL"

Sérgio Arruda de Moura

UENF

João Maia

UERJ

Márcio Gonçalves

UERJ

João Renato Benazzi

PUC-RJ

Renata Moura

UERJ

Charbelly Estrella

UESA

Valores comunitários

Durante a modernidade tínhamos certeza dos nossos mediadores culturais. Tínhamos ainda algum referencial para nos constituirmos como sujeitos. Lugares pretensamente seguros serviam para falarmos da nossa vida em sociedade. Herdeiros do Iluminismo, os sujeitos na modernidade tardia se valiam de uma autonomia e uma auto-suficiência conferidas no clamor das formas horizontais de igualdade conquistadas pela revolução nas ciências e no próprio espaço social. O sujeito sociológico que surgiu no século XIX de alguma forma ainda persiste em interpretações diversas do social, como um suporte a partir do qual podemos apreciar indícios de novas conjunturas e gerenciamentos para interpretarmos o mundo. O sujeito era interpretado seguramente pela classe, etnia ou gênero. Porém, com a introdução das novas tecnologias e a falência dos grandes relatos e instituições, surge o sujeito pós-moderno¹. Definido desta forma o quadro social, caracterizado principalmente pela atuação de mediadores infotécnicos, partimos para a análise de conjunturas formuladas por mudanças conceituais. Estas conjunturas afetam o sujeito propriamente dito, suas formas de relações no tocante ao afetivo, ao corpo, ao consumo, às for-

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

mas sociais de exclusão, à linguagem. Desta forma, objetivamos caracterizar o modo como se estabelecem relações interacionais rumo a uma construção de valores fundamentais que caracterizam a própria vivência social num espaço construído ao longo dos últimos vinte anos quando uma categoria inédita de relacionamentos e vivências passou a operar no nosso mundo: o ciberespaço. A Internet, seu instrumento mais eficaz de presença, é o espaço privilegiado das conjunturas que se formaram nestas últimas décadas para intentarmos tal análise. Neste espaço, acomodaram-se diligentemente todo o fazer e interagir humanos em quesitos tais como contatos interpessoais, relacionamentos afetivos, exacerbamento de conflitos, relacionamentos formais e comerciais, enfim, toda a vida humana em suas essenciais satisfações se (re)organiza. Interpretado como virtual (ou síncrono), cuja conseqüência maior tem sido, na ótica de muitos teóricos, um novo lugar de interpretação sociológica do sujeito, o espaço da Internet consegue agrupar categorias, às vezes, conflitantes e mesmo excludentes. Assim, este espaço se vale do estatuto de público e privado, isto é, ele nem é reservado nem exposto, embora encene satisfações de ambas as esferas. A Internet, em escala mundial, engendra legislações específicas de uso e de controle que extrapola as formas de vigilância da modernidade. Presente no cotidiano em escalada geométrica, a Internet age cognitivamente no senso comum como um conceito cuja eficácia e diferencial vem reformulando as formas de circular tanto pelo espaço físico da cidade quanto pelo espaço íntimo, ou seja, aquele espaço reservado à individualidade que cabe a cada um.

Estes efeitos e impactos gerados pelas novas tecnologias de comunicação, especificamente da comunicação mediada por computador, bem como seus efeitos sobre a linguagem e sobre os sujeitos envolvidos dão-se de formas variadas. Colocando ênfase no sujeito e no seu estatuto no universo da comunicação mediada por computador, temos, portanto, como objeto específico o tipo de subjetividade produzido no universo das novas tecnologias. A análise do que sejam os imaginários constitutivos de representação do mundo virtual e imaterial nos *chats*, pela via da

linguagem, por exemplo, nos informa sobre um sujeito imerso numa categoria conceitual de mundo, que se opõe à categoria concreta de mundo. Entendemos com Fiorin² que as visões de mundo correspondem à linguagem. Esta é identificada com a ideologia - algo imanente à realidade -, e, por isso mesmo, indissociável da linguagem. Se a linguagem é um sistema de representação de mundo em que o mundo não está necessariamente presente, no mundo chamado virtual, a linguagem se insere definitivamente num espaço de representação pura em que a presentificação fica em segundo plano. As interações desta ordem, via cabos de fibra ótica, ganham um estatuto, mais que nunca, discursivo, porque uma tecnologia mediadora se insere como aval político.

Contudo, devemos pensar em uma outra questão, a da exclusão, como um fator essencial na info-sociedade, uma vez que a cibercultura dá forma a um tipo novo, inaudito, de universal: o universal sem totalidade. A universalidade está implicada no ciberespaço, não tanto porque *de fato* a cultura do universal seria engendrada por esse novo espaço em toda a parte, mas porque sua idéia ou sua forma implica *de direito* o conjunto dos indivíduos. Embora haja, também aqui, os excluídos, a possibilidade de interconexão generalizada acolhe a participação eventual de qualquer um, a supressão de monopólios de difusão, enfim, a construção de um novo direito, em cuja direção caminhamos sem que recuos pareçam possíveis ou desejáveis.

As questões relacionadas à constituição e desconstrução da noção do sujeito, com foco específico nas formas de se identificarem grupos ou segmentos e suas potencialidades de consumo e de inserção social, se apresentam de forma imbricada na análise que se faz da Internet. Mais especificamente as inter-relações entre noções como valores, atitudes, preferências, tempo, geração, nostalgia, auto-imagem, estilos de vida, entre si e com variáveis de natureza objetiva, partem obrigatoriamente de um sujeito reidentificado com sua época e de tudo que, a sua volta, contribua para com a sua inserção social e suas condições reais de circulação. Nesta inserção classe, etnia

² FIORIN, José Luiz *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

ou gênero tornam-se irrelevantes como modelos de análise. Contudo, renda e perfil demográfico – com ênfase em idade, sexo e classe social – são variáveis-chave na análise do sujeito quando sua atividade é o consumo, por entendermos que sua identificação se reporta nessa esfera a filiações bastante claras. Os valores comunitários estão assim, de forma sintética, considerados no espaço da pós-modernidade, o espaço da Internet, do qual ora nos ocupamos.

Valores afetivos

Estamos vivendo um momento em que algo de absolutamente novo está se desenhando no campo das experiências amorosas possíveis para o ser humano, e essa novidade são os relacionamentos virtuais. Esses relacionamentos virtuais são um fenômeno comunicacional, são talvez a figura maior da mediatização que marca o nosso tempo.

Por relacionamentos virtuais entendemos os relacionamentos tornados possíveis pela Internet, mas especialmente aqueles que não desejam e nem pretendem se transformar em relacionamentos reais, onde há encontro face-a-face. Relacionamentos virtuais, tal como os abordamos, são os que se restringem absolutamente ao virtual, não sendo um caminho ou um preâmbulo para outros tipos de relação. Redimensionando a ênfase na linguagem, temos que a vida na Internet leva até as últimas conseqüências o estatuto primeiro da linguagem, que é o de representar o mundo à revelia até mesmo de sua existência e concretude.

O momento contemporâneo é o da falência dos modelos que tradicionalmente definiram as experiências amorosas possíveis. Daí, por exemplo, se poder falar de relacionamento puro, ou seja, aquele que deve se garantir por si mesmo, que deve contar apenas com o engajamento dos parceiros para se manter, não havendo uma instituição social exterior que garanta sua existência. Traduzindo em linguagem, o espaço próprio da linguagem amorosa é o referente máximo e único

do relacionamento amoroso, excluindo aí o discurso institucional que acoberta ou censura, libera ou reprime como item da organização social.

Esse quadro de abertura contemporâneo, onde os relacionamentos ou sua forma e sentido devem ser democraticamente negociados entre os envolvidos, não deve mascarar um outro processo de implicações profundas: instaura-se uma espécie de lógica do consumo amoroso. Os parceiros são reduzidos a mercadorias, se tornam descartáveis, o que, no limite, significa que todos se equivalem. A possibilidade de negociação dos relacionamentos é correlata de um aumento significativo no número de separações, ou seja, de troca sucessiva de parceiros.

É dentro desse quadro histórico que ganha sentido a análise dos relacionamentos virtuais.

Nossa abordagem dos relacionamentos virtuais se baseia numa proposição radical: os relacionamentos virtuais não devem ser pensados como relacionamentos incompletos ou artificiais, relacionamentos aos quais faltaria algo, o encontro físico dos amantes entre si. Pelo contrário, os relacionamentos mediados por computador devem ser entendidos como relacionamentos completos, plenos, integrais, relacionamentos aos quais não falta nada, compreendidos como relacionamentos de uma outra ordem.

Os relacionamentos amorosos virtuais são mais um artifício na longa lista de artifícios que permitiram que os seres humanos se relacionassem amorosamente entre si. Mediação sempre há para o ser humano, para o amor humano, não existindo amor natural ou imediato. O que muda são as tecnologias que a operam: o casamento é um instrumento tecnológico jurídico-contratual; o amor cortês, uma máquina artística-ascética; o amor romântico, fruto de toda uma tradição moderna, desenvolvida na arte e na ficção por autores que operavam como narradores, cujo universo principal de organização é a linguagem. Ora, os computadores são mais um elemento na longa lista dos mediadores, e a rede interconectada, o grande espaço da construção das ficções contemporâneas.

A nosso ver é aí que se pode situar as discussões tão em voga acerca do corpo e de seu possível desaparecimento na era do virtual. É neste espaço que a referência macroestrutural do discurso tende cada vez mais a se localizar.

Mas qual seria a especificidade dos amores através desses mediadores tecnológicos informáticos? Ou, de outra forma, de que modo os relacionamentos virtuais se inserem na tradição amorosa ocidental?

Sustentamos que a singularidade dos amores virtuais reside precisamente no fato de potencializarem a característica mercadológica ou consumista que marca nosso presente amoroso. O termo potencializar é importante na medida em que se deve marcar com firmeza que a Internet não inventa o consumo amoroso. Este é, antes de tudo, um traço geral de nosso tempo, quando a rede interconectada se estabelece como um ponto de vista metodológico diferenciado de análise. Quem, na modernidade romântica, poderia imaginar que o amor pudesse se organizar sem pressupostos físicos, como pura potencialização, e, assim mesmo, se declarar como amor?

Essa potencialização se liga, sobretudo, à proteção que a tela do computador oferece aos parceiros. A tela não é interface sem ser ao mesmo tempo escudo. O computador torna mais rápido, indolor e ágil o consumo. E o torna ao mesmo tempo, talvez, mais vazio...

Mas essa potencialização deve também ser vista como potencialização de aspectos positivos. Os relacionamentos virtuais, de um modo radical e violento libertam o amor de todas as obrigações que sempre fixaram seu sentido, de todas as finalidades exteriores que sempre definiram seu ser, suas funções. Amar não sendo mais nada, talvez seja novamente possível amar. Simplesmente.

Esse mundo virtual potencializa a equivalência geral dos parceiros do mercado amoroso contemporâneo. Sem identidade verdadeira ou estável como no universo da Modernidade, todos os parceiros são igualmente falsos... ou verdadeiros.

É nesse sentido que sustentamos que os relacionamentos virtuais potencializam ou exacerbam características de nosso tempo, ou dos amores de nosso tempo.

Se por um lado o virtual é enriquecedor por permitir invenções e jogos com a identidade, permitir encontros anteriormente impossíveis, permitir toda uma gama de práticas de experimentação lúdica, devemos ter em mente que talvez seja uma enorme máquina de repetição de uma forma de consumo que esvazia a experiência amorosa de seus riscos mas também de sua densidade e sua alegria.

Vivemos um momento histórico, do ponto de vista amoroso, de abertura e de risco - abertura, dado que nosso tempo está livre dos modelos que enquadravam e decidiam de fora a forma e o sentido que o amor poderia e deveria ter; risco, na medida em que ainda não está claro se seremos capazes de inventar novas formas de se amar que tenham consistência suficiente para escapar da pobre lógica de consumo de mercadorias que avassala o planeta.

Rede e corpo

A rede tecnológica não oferece a visualização dos corpos vestidos em movimento que o dia-a-dia das grandes cidades nos apresenta como espetáculo. Corpos bronzeados, esqueléticos, musculosos, reconstruídos, transplantados, tatuados e sintéticos. Nosso olhar reconhece ou se espanta diante desse desfile de novas sensações imagéticas. Entretanto a rede não oferece a mesma dinâmica de olhar que as ruas concretas e planejadas das cidades nos ensinaram a perceber. Nem por isso a experiência dos *chats*, por exemplo, elimina o intercâmbio pela plástica. O corpo, e seu arsenal de sedução, ainda está presente, mas essa presença é marcada por sua ausência concreta e material, entretanto o discurso toma seu lugar. O corpo ambientado na rede troca seu suporte plástico, seu aparato físico que ostenta e marca sua presença diante dos outros, é então co-

locado em comum através de um discurso. É através desse diálogo de sedução que o corpo afetual, ao contrário da experiência concreta, não se despe, mas se constitui.

As limitações e imposições que as cidades concretas ordenam em seu cotidiano desdobram-se em bloqueios que a rede não apresenta. Apesar de furtar dos indivíduos a presença física do corpo do outro, expressões faciais, movimentos corporais, sorrisos e alterações de voz, sem que isso passe pelo crivo do discurso do outro, a rede promove uma aceleração do contato e rapidamente o discurso que demanda a presença do corpo pergunta “*como vc é?*”. Um pedido de identificação, uma senha. Não estamos considerando as câmeras filmadoras já que o uso dessas demandaria saber quem quando e porque as pessoas optam por esse outro recurso para ver. Estamos trabalhando com a idéia de que a rede oferece o tempo inteiro a tela e a imaginação do desconhecido.

O corpo físico outrora responsável por nossa identidade, a que Nietzsche chamou de “proveniência”, é agora construído pela fala. A aceleração do contato, a rapidez do pensamento colocam no discurso o dar-se a ver do corpo, relegando ao correr do discurso a possibilidade de manter os corpos sempre próximos, imaginados e “formatados” por nossa *vontade* de imaginar e ser imaginado. Ítalo Calvino³ apresenta no item “Rapidez”, uma de suas seis categorias hermenêuticas da Contemporaneidade, a idéia defendida por Galileu, segundo a qual “discorrer é como correr” fazendo alusão à velocidade do pensamento lógico como “qualidade do bem pensar”.

Nossa aposta é que a rede oferece um outro registro de identidade. Isto certamente não é o bastante nem esclarece muita coisa. Entretanto nos obriga a repensar o espaço que o corpo como suporte de nossa identidade passa então a assumir. O “tempo” que a experiência tecnológica nos oferece nos chats também nos aparta do compromisso em sempre representarmos o mesmo cor-

³ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

po. Talvez nunca antes no cenário social do ocidente a idéia de que o social é um teatro tenha ganhado tamanha representação e fidelidade. A elaboração de personagens, histórias, máscaras encontra nesse ambiente desprovido do peso do concreto sua condição de possibilidade. Sobre tudo o diálogo, a troca das *vontades de imaginar* desenha esse corpo através do discurso. O corpo se torna um código de marcação de presença e serve como uma bússola para nos localizar neste “infinito on-line”. Amor, corpo e consumo continuam como *esquemas*⁴ de pensar, cuja especificidade como itens organizadores dos espaços mentais, mas seu centramento na especificidade própria da rede constituem, nos termos apresentados, um saber *enciclopédico* no qual os internautas interagem com desenvoltura de usuários já históricos.

⁴ Os conceitos cognitivos operantes em uma troca comunicativa coesa e coerente se fazem por *esquemas* e *scripts*, molduras com as quais operam uma compreensão de mundo. Estes conceitos são desenvolvidos por FAUCONNIER, Gilles. Cambridge University Press, 1994.